em precárias situações: filhos de pais muito pobres, que nunca puseram os pés numa escola e que, chegados à idade militar, nem sequer tentaram aprender um ofício. E qualquer futebolista nestas condições põe o clube, a massa associativa (e, nestes primeiros tempos, também os próprios companheiros de equipa mais abastados), quase na obrigação de lhe amenizarem a vida. Os primeiros profissionais (porque já os havia nos tempos heróicos do amadorismo...) começam quase sempre por ser pagos pelos mecenas que surgem do grande público. É como que o agradecimento anónimo da grande massa associativa pela exibição dos seus ídolos. Não podemos levar isto a mal a estes pobres rapazes, uma vez que o ameno jogo-recreio se transformou no futebol-espectáculo, que jamais PARARIA de adquirir crescente importância até aos nossos dias, e sempre pago alegremente por uma multidão exigindo o melhor comportamento dos onze homens da sua simpatia.

/Homem-Exemplo

Educado desde o berço nos sãos princípios de seu Pai, que assentavam basilarmente na liberdade, no respeito mútuo e no amor ao próximo, Francisco Stromp permanecia e actuava dentro do Sporting como se fora um sócio e um atleta qualquer. Rapaz de forte personalidade, carácter impoluto, fiel a si próprio, afável, tinha sempre uma palavra de estima para todos os colaboradores do clube. Cedo o Chico Stromp começou a ser distinguido e procurado por todos aqueles que careciam de um braço forte para se apoiar ou de um conselho justo.

As suas palavras tão sensatas, alicerçadas no exemplo vivo da sua presença, passaram a ser escutadas quase religiosamente e a ser mesmo consideradas como o mais vivo estímulo para as horas incertas. Ninguém duvidava daquele companheiro, que dividia tudo com os outros (e tantas vezes ele andou a pedir para os outros!), que tudo arriscava por amor da Amizade, pois a tinha por sagrada.

E assim chegamos ao tempo exacto em que o Sporting Clube de Portugal reconheceu em Francisco Stromp a presença viva do homem-exemplo, de que, nessa hora, ansiosamente, carecia. Alguém disse dele, quando Chico Stromp capitaneava ainda a equipa de futebol leonina: Um observador perspicaz lerá tão claramente os destinos do Sporting no olhar, na fisionomia, no espírito de Francisco Stromp como nos próprios arquivos da nossa Secretaria. Desde a fundação do clube, em 1906, até ao dia da sua morte, ocorrida a 1 de Julho de 1930, este atleta nunca deixou de se confundir com o próprio Sporting. Dedicou a vida inteira ao seu clube, que mais não constituiu que o prolongamento afectivo da sua própria família. Teve raparigas apaixonadas pela sua presença, qualidade e bravura, mas nunca chegou a casar-se. Amou o Sporting (este agregado social que se chama Sporting...) acima de qualquer coisa neste mundo, vivendo com igual entusiasmo fortificante tanto as suas horas boas como alguns períodos de infortúnio. Deu-lhe algo de si: deu-lhe a chama humana e fraterna que lhe faltava.

Jorge Vieira, outra grande figura deste clube, futebolista internacional e olímpico, sócio n.º 2 (Francisco Stromp será eternamente, por decisão da Mesa da Assembleia Geral, o sócio n.º 3),